

TERMINOLOGIA E INTERVENÇÃO LINGÜÍSTICO-CULTURAL

Nelly Carvalho

(Professora da Universidade Federal de Pernambuco)

O Brasil começou a ficar independente em tecnologia da informática. O conflito entre sistemas lingüísticos, porém, torna-se mais agudo com a expansão monopolista das chamadas empresas multinacionais, cuja influência é notada por várias formas, sendo uma delas a produção importante de termos novos em muitas línguas. A autora pesquisou a imposição de vários vocábulos técnicos em diversos campos de atividade, incluindo o da comunicação social. Suas conclusões foram levadas ao **Termia 84 – Congresso Internacional de Terminologia**, realizado em Luxemburgo, no período de 26 a 29 de agosto de 1984, no qual mereceram aprovação unânime. **Comunicarte** publica esse trabalho, com exclusividade e na íntegra.

1. Transferência de Tecnologia e Reserva de Mercado

Faz-se necessário uma breve visão de conjunto das circunstâncias da transferência da tecnologia no Brasil, para que se possa situar o problema decorrente deste processo.

Nas profundas transformações que o mundo atravessa a tecnologia desempenha um papel de suma importância, em termos de estabelecimento de novas relações de dependência, de poder entre as nações e do delineamento de uma nova ordem econômica.

Tal questão assume particular relevância no contexto do diálogo Norte-Sul em face da internacionalização crescente do capital e da produção, com repercussões econômicas e sociais da maior importância.

Tecnologia é a chave para o crescimento e para a prosperidade, mas também é uma ameaça à independência sócio-cultural (incluindo a lingüística) das nações em via de desenvolvimento.

Estas nações (sobretudo na América Latina) transformam-se em simples consumidores de tecnologias desenvolvidas pelos países ricos.

A criação da maior parcela do conhecimento técnico-científico realiza-se fora das fronteiras dos países latino-americanos, determinando esta dependência.

A exemplo de todos os países do 3º mundo, o Brasil não teve a Revolução Industrial. Foi a depressão internacional de 1930 que colocou o país, até então essencialmente agrícola, no caminho de uma industrialização, tardia, que não se deu de acordo com os padrões de economia clássica.

A presença dos grandes conglomerados multinacionais foi contemporânea da industrialização incipiente. Assim as empresas nacionais não tiveram condições de entrar no mercado das inovações tecnológicas pelos riscos e incertezas quanto aos resultados preferindo uma estratégia imitativa ou tradicional, adquirindo tecnologia estrangeira sob a forma de licenças, patentes e marcas, mediante pagamentos de "royalties". Ainda hoje não foi possível um controle eficaz sobre importações indiscriminadas visando a uma composição entre tecnologia doméstica e importada.

Não obstante estas dificuldades, em alguns setores houve maior desenvolvimento, graças as medidas protetoras e com planejamento bem elaborado. Assim o Brasil começa a ficar independente em tecnologia da informática através da PNI.

A PNI (Política Nacional de Informática) reserva parte do mercado brasileiro, a dos computadores de porte micro, mini e médio para a indústria nacional com tecnologia própria¹.

Com isto o Brasil transformou-se no país do terceiro mundo com tecnologia mais avançada nessa área.

A reserva de mercado contraria os interesses de nações exportadoras e tem encontrado sérias oposições no plano internacional.

O primeiro passo na formulação de uma política de transferência de tecnologia, é a compreensão das mudanças que isto acarreta na economia do país.

Em um país como o Brasil, em desenvolvimento e importador, a transferência de tecnologia de países industrializados e exportadores representa um papel de transformação social e provoca um choque cultural.

Estas tecnologias foram desenvolvidas para atender às necessidades dos países detentores das mesmas, não estando portanto de acordo com a realidade de países subdesenvolvidos. A introdução de novas tecnologias, em especial das que não resultam de um processo de desenvolvimento contínuo, afeta o estilo de vida das populações na medida em que modifica costumes e linguagens, transforma os valores e padrões (entre os quais o padrão de consumo), altera costumes culturais e lingüísticos.

A transferência de tecnologias avançadas pode gerar necessidades artificiais, aumentando a dependência tecnológica em relação ao exterior, reduzindo a oferta interna, atrofiando o trabalho de cientistas e pesquisadores, propiciando a evasão de cérebros.

2. Terminologia e intervenção lingüístico-cultural

Ciência e tecnologia são consideradas neutras e a-ideológicas e, por este motivo, denominadas Ciências Exatas e vistas como o domínio da objetividade.

Paulo Freire, educador brasileiro, considera a afirmação da neutralidade da tecnologia e da ciência por si mesmo uma afirmação profundamente política e absolutamente ideológica. Para ele, a propagada neutralidade é inexistente pois quem comanda o progresso são os países dominantes². A todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito. O discurso que se pretende neutro tem a sua própria ideologia: a objetividade.

Louis Guilbert³, considera a terminologia técnico-científica um instrumento ideológico, considerando ideologia como uma tomada de consciência de certa determinação no comportamento e não como uma opção político/filosófica.

Segundo definição da ABNT, terminologia serve para designar um tipo de norma que se destina a definir, relacionar ou conceituar termos técnicos empregados em determinado setor de atividade, visando ao estabelecimento de uma linguagem uniforme.

A função terminológica liga-se ao processo de invenção, fabricação, distribuição, troca e utilização de produtos industriais.

Assim está ligada aos processos de fabricação e das forças produtivas que lhe são associadas, não podendo, desta maneira, ser neutra.

A criação do termo é elaborada por uma classe privilegiada que detém, não apenas o poder econômico, mas também o saber e o direito de nomear o objeto.

Esta camada social exerce a função de normalizar a produção, designar os objetos e divulgá-los através de nomes patenteados. Com isto, vê-se que a terminologia é eminentemente uma função da elite intelectual. E no campo do relacionamento internacional ela passa a ser um instrumento de dominação do país exportador ou produtor.

“O produto se torna veículo de propaganda em favor da língua do país produtor não somente por sua denominação mais ainda pelo discurso que o acompanha, isto é, por seu modo de emprego, pelo conjunto de serviços de que necessita”.

A terminologia participa pois, das tensões de uma sociedade dividida em classes e de um mundo dividido em países dominadores e dominados onde os primeiros impõem seus conhecimentos aos segundos.

Assim se criam através do fator econômico, os instrumentos de prestígio e dominação de uma língua sobre outra, dando condições de penetração a termos estrangeiros.

Segundo Rondeau⁵, a intervenção direta do Estado é um fenômeno relativamente recente. A tendência atual é contra as intervenções diretas. Mas as intervenções lingüísticas se dão por forças de circunstâncias distanciadas do domínio da língua, por forças políticas e econômicas.

O conflito entre sistemas lingüísticos torna-se mais agudo com a expansão monopolista das empresas ditas multinacionais, pesadelo das indústrias nacionais dos países latino-americanos, e importante meio de influência nas nações onde é instalada.

“A influência das multinacionais sobre as terminologias se traduz por uma produção importante de termos novos em muitas línguas”⁶.

A intervenção econômica e cultural deste tipo de empresa é questionada pelo combativo padre católico, brasileiro, muito conhecido na Europa, D. Hélder Câmara, Arcebispo de Olinda e Recife (minha cidade).

O inter-relacionamento lingüístico estabelecido desse modo entre diferentes culturas, pode ser interpretado como discurso onde a língua do país exportador representa o papel de emissor e a do país importador, o papel de receptor.

Neste tipo de discurso a linguagem é claramente uma forma de ação como afirmaram, entre outros, Austin e Searle.

O discurso técnico-científico buscando ser objetivo, não admite réplica, no sentido de não deixar “vazios”, que possibilitem a entrada do receptor. O produto ou a idéia já lhe são apresentados plenos de significados. O objeto não se mostra para ele: é mostrado de acordo com a ótica e os valores ideológicos culturais da língua do país exportador. Quando aparentemente cria um “vazio” ele é programado para ser preenchido de acordo com a vontade do emissor, garantindo seu próprio intento. Assim a linguagem passa a ser uma atividade de dominação, instaurando-se o discurso monológico, em substituição ao dialógico.

Mesmo quando o tratamento do receptor, o país importador, é personalizado, o perfil de suas necessidades já vem projetado de antemão sendo objeto de adaptações futuras.

Há apenas uma aparência de esforço cooperativo onde a língua nunca é mera transmissora de informações.

3. Determinantes da imposição da terminologia em língua inglesa. Terminologia tecnológica no contexto brasileiro. Pesquisa na mídia.

Herdamos no Brasil uma língua (o português) e com ela os valores de uma civilização.

A língua é o espelho do caráter do povo. Como todas, o português no Brasil, é uma língua "in fieri" e o modo de forjá-la é ao mesmo tempo forjar cultura.

Ora, na medida em que a língua que falamos é carregada de outras experiências e outros valores, faz-se necessária uma readequação sob pena de vê-la não mais servir como instrumento real de comunicação.

Esta readequação determina a necessidade dos empréstimos lingüísticos. Porém este fato pode significar uma nova forma de tutela trazendo em sua raiz o preconceito de superioridade cultural da língua que exporta e a subserviência da língua que importa. O prestígio da linguagem dos países dominantes é decorrente de seu prestígio político/econômico.

O falante da língua do país importador compara seu "saber" e seu "poder", com a do país exportador e se dispõe a aceitar os termos desta última, reconhecendo sua superioridade.

A língua inglesa tem aceitação e prestígio internacional. É uma demonstração de "status", conhecimento e atualidade dominar este idioma.

Assim ao ter que optar entre um termo inglês e outro vernáculo, o falante opta pelo primeiro, pela conotação de internacionalidade que traz consigo. E esta escolha do termo inglês recai não apenas nas palavras necessárias (que não existem no léxico), mas também nas desnecessárias, por existir no léxico português uma equivalente.

Um termo novo que se instala não é somente um grupo fônico ou um grupo de letras (SA) novo que se impõe, mas um signo com um sentido (SE) um referente e suas pressuposições. É mais que um ato lingüístico, é um ato social, uma tentativa de impor a visão do mundo a um grupo. "Impor uma palavra, marca comercial, slogan, nome é impor um modo de ver e através da língua, agir"⁷.

A transferência tecnológica faz com que a terminologia correspondente em língua portuguesa seja enriquecida quase que exclusivamente de neologismos **estáticos** descobertos em comunicações científicas sendo raros os **dinâmicos**, criados para determinado fim (—cf. classificação de Philippe Dresco. o. cit.).

A ABNT, entidade brasileira filiada à ISO, convoca técnicos das diversas áreas com a finalidade de unificar a terminologia. Através de pesquisas em documentos e comunicações científicas, estes estudiosos po-

dem adotar o nome estrangeiro, adaptarem-no, ou traduzi-lo. No entanto estas normas têm apenas a finalidade de sugerir e não se revestindo de autoridade oficial através da Academia Brasileira de Letras.

Esses trabalhos, no entanto se fazem lentos, tornam-se defasados diante da rápida evolução das técnicas e da enxurrada de produtos novos lançados no mercado mundial.

Por isso a documentação terminológica referente às tecnologias de ponta é inexistente.

O mundo, as ciências, as técnicas e os costumes evoluem rapidamente; há urgência de nomear as novidades. Não se pode aguardar resultados de estudos prolongados e na maioria das vezes as normas da ABNT apenas consagram nomes já em uso. Assim no momento de sua introdução a novidade, seja objeto ou situação recebe o nome novo ou é introduzido com o nome em língua estrangeira (inglês em 95% dos casos), funcionando como um conjunto: objeto + nome.

Os exemplos apresentados a seguir comprovam o que foi dito acima e ilustram a interferência do inglês na língua portuguesa. Foram retirados da imprensa escrita brasileira.

TIMER (ingl.) programador (tradução) – um pequeno aparelho que liga e desliga luzes e aparelhos domésticos, quantas vezes você quiser (Revista VEJA – SP – 23-5-84).

CHIPS – circuitos integrados do tamanho de uma pastilha. Contém a memória e as funções do computador (DP. Recife. 28-6-84).

COOKIES – rosquinhas preparadas com muita manteiga à vista do freguês, com a ajuda da moderna tecnologia (Revista VEJA. SP, 03-7-84).

Som **GAME** – Você põe o disco somente com o som da orquestra, pega o microfone e grava tudo (DP, Recife. 30-6-84).

BLOCK-TIME – Corta automaticamente somente as ligações originadas no seu telefone. Tem **Remove device** (VEJA. SP, 6-6-84).

IN & OUT SYSTEM – exclusivo sistema de bandeja universal que leva o som do carro para todos os ambientes (VEJA, SP, 13-6-84).

Em um primeiro estágio, há uma imposição do termo inglês, pois todas estas são novidades, introduzidas agora e nomeadas, sem traduções, nem adaptações. Além do mais, os anúncios publicitários destas técnicas avançadas atingem melhor o segmento de mercado a que se destinam (classe economicamente superior), se descritos em inglês, pela pretensa garantia de superior qualidade dada pela língua.

Isto se torna evidente na publicidade que se segue:

"A mais pura expressão do som e da emoção. Toca discos **belt-drive** com retorno automático. **Receiver AM/FM** estéreo com 300W de potência. **Tape deck** eletrônico. **Rack** com ponta de acrílico. Caixas acústicas tipo **Bass reflex**" (Revista Senhor. SP, 6-6-84).

Bastante ilustrativo ainda é o caso do termo recém-introduzido (13-7-84) e que se tornou moda:

Vídeo-clip — Esses pequenos "shows" realizados para acompanhar um número musical de televisão (Revista VEJA, 13-6-84).

Há necessidade do uso da função metalingüística no primeiro momento para que o objeto seja aceito e o termo decodificado pelo usuário. Esta necessidade vai declinando à medida que o uso se intensifica.

O momento primeiro da introdução da novidade **vídeo-clip**, torna-se decisivo. O termo é retomado de imediato em outros atos de fala, pois a televisão é o meio de comunicação que mais influi no atual estágio da sociedade brasileira pela extensão de seu território, pela excelência de seu sistema de telecomunicações e (infelizmente) também pelo grande número de analfabetos.

A intervenção cultural que o fato novo determina é percebido quando esta fórmula para TV, criada para difundir a arte de Michael Jackson é seguida de contrafações brasileiras. Surgem "vídeo-clips" com samba, frevo, forró e também com o "break" dançado por um grupo de crianças faveladas, especializadas nesta novíssima dança americana, deixando de lado o samba e suas raízes culturais.

A "adoção" do termo estrangeiro além de um ato de cultura e gosto, pode ser gerada por necessidades práticas.

As palavras estrangeiras são o testemunho de uma competência lexical insuficiente, sobretudo no caso das terminologias técnico-científicas, quando nomeiam realidades desenvolvidas noutras culturas e línguas.

Como é uma realidade, o fato da interpenetração das línguas e culturas, não aceitar o empréstimo lingüístico constituir-se-ia num erro e numa visão por demais regionalista e estreita dos fatores lingüístico/culturais.

Porém o uso de uma palavra estrangeira (desnecessária) corre para prejudicar o jogo de significações que está cristalizado na língua com grave prejuízo para a eficiência da comunicação. Além disso, entre outros inconvenientes, situa-se o fato de que os estrangeirismos são introduzidos muitas vezes por quem desconhece a estrutura da língua e,

deste modo, atentam muitas vezes contra seu espírito e processos de formação.

Segundo M. Teresa Biderman⁸ o inglês está sendo o verdugo que vai desfigurando cada vez mais a língua portuguesa.

Existem formas de reduzir o impacto da importação de termos como a tradução, adaptação gráfica e o desenvolvimento de um sentido técnico em palavras do uso comum.

Mas, esta atitude conciliatória não pode ser sistemática, nem levar à soluções artificiais, pois em matéria de comunicação, tem que haver antes de tudo, naturalidade.

4. Atitudes de Profissionais em Ciências e Tecnologia

Para refletir as atitudes destes profissionais frente ao problema de transferência de tecnologia e terminologia, fizemos 4 entrevistas com 5 profissionais, apresentando-lhes as seguintes perguntas:

— A importação da tecnologia implica aquisição simultânea de terminologia. Concorda ? Discorda ? Por quê ?

— O uso de termos ingleses em vez de portugueses contribui para a intercompreensão nas áreas profissionais de ciência e tecnologia. Concorda ? Discorda ? Por quê ?

— Os países tecnologicamente dominantes ao transferirem sua tecnologia automaticamente impõem termos técnicos correspondentes. Concorda ? Discorda ? Por quê ?

— O conhecimento técnico-científico é transferido por vários caminhos e entre eles figura a universidade em primeiro plano.

Seus pesquisadores constituem os elementos fundamentais na difusão e reprodução destes conhecimentos especializados.

Assim, entre os entrevistados, representando a universidade nesta transmissão do saber, figura a bibliotecária-chefe da Biblioteca Central da UFPE.

1ª entrevista — Susana Schimdt (bibliotecária-chefe-UFPE):

Através dos livros, revistas e periódicos, enfim da comunicação escrita do acervo das bibliotecas é que se dão os primeiros passos na aquisição dos conhecimentos teóricos. A interferência da língua inglesa se dá a partir da fonte, isto é, da tabela de classificação de assuntos, modelo CDU-FID com seus itens catalogados em inglês. Não se elaborou ainda uma tradução; o inglês facilita a troca de informações com bibliotecas de outros países. 52,18% da coleção da Biblioteca Central é em inglês (entre as coleções estrangeiras).

Este percentual aumenta quando se refere às áreas de ciências aplicadas e tecnologia (62%) sendo o restante do percentual representado

por traduções (do inglês na sua maior parte). A produção nacional é pouco representativa, nesse setor. Quanto aos periódicos desta área (ciências aplicadas e tecnologia) 83,65% são oriundos dos Estados Unidos. Detalhe interessante é o fato de que os livros em inglês são menos consultados que as traduções. Com estas adotam terminologia em língua inglesa, isto significa que o universitário não domina bem a estrutura da língua inglesa, mas absorve sua terminologia.

2ª entrevista (Rawilsean de A. Dutra, Eng. Diretor do Centro de Tecnologia da FESP e professor do curso de Engenharia Civil)

— Não podemos, em termos de universidade, falar em transferência de tecnologia dos países avançados. O que existe é a transferência de produtos prontos e acabados, sem que se conheçam os processos que antecederam aquelas soluções.

Os países tecnologicamente dominantes não têm interesse em transferir os passos das pesquisas, para não perderem o domínio da técnica. É o caso do pulo do gato.

Nos cursos das áreas de ciências aplicadas, isto é prejudicial, pois não favorece o espírito de pesquisa. Como consequência de recebermos os resultados e não aprendermos os caminhos que conduzem a estes, a terminologia é também importada. Há uma imposição de termos técnicos ingleses em acústica, hidráulica, mecânica e engenharia rodoviária. Não se buscam traduções pois o termo inglês se ajusta melhor à necessidade de comunicação.

Como exemplo temos "sound level meter" (medida de ruído) cuja tradução "decibelfmetro" nunca foi aceita. As siglas em inglês como BTU são adotadas, sem que se compreenda o que cada letra significa.

3ª entrevista — Esta foi com aqueles que fazem a prática da tecnologia: um técnico e um executivo de uma multinacional da informática (Grupo Big Borg) Luís Perez da Costa Filho e João da Silva Novo.

— Como bons funcionários de multinacionais, acham vantagens neste tipo de empresa, pois gera empregos nos países onde se instala. Encaram com desconfiança e reserva a política de reserva de mercado na informática (micro e minicomputadores) temerosos de que a tecnologia brasileira se torne obsoleta em relação aos grandes centros.

Americanófilos, encaram com simpatia e até certo entusiasmo os empréstimos e estrangeirismos, julgando-os insubstituíveis. O que importa é comunicar e ter acesso as novidades da informática.

Afirmam que a informática, introduzida no Brasil na década dos 60, formou um jargão profissional com radicais ingleses e sufixos portugueses: formatar, panchear, dampear, customizar (de custom-clien-

te). Porém atualmente há uma tendência de adotar os termos em inglês por três razões principais:

— a evolução rápida das técnicas: as novidades se sucedem em uma fração tão pequena de tempo, que não se pode pensar em substituição.

— a falta de tradução exata: os termos em português não se ajustam ao significado do termo inglês; Input, output, realtime, mainframes — não encontraram tradução exata.

— a facilidade da comunicação: o intercâmbio com técnicos de outras línguas é facilitado pelo uso do inglês.

Quando se importa uma novidade, automaticamente se importa a terminologia que inclui nome da novidade, serviços e peças — literalmente “a máquina é acompanhada de sua linguagem”. Não há interesse em traduções ou adaptação.

As traduções dos manuais de uso têm sido feitas atualmente por técnicos e não por tradutores, para que se conserve a terminologia, facilitando a leitura.

Isto acontece também em outros campos como, por exemplo, na indústria têxtil.

“No momento em que realmente dominarmos a tecnologia e não apenas copiarmos, poderemos nacionalizar a terminologia, como aconteceu no futebol”.

4ª entrevista — Prof. Humberto Vasconcelos — Diretor do Departamento de Telecomunicações de Pernambuco.

— Ouso afirmar que a grande perspectiva de um país moderno se situa menos na exploração de suas riquezas de subsolo do que na conquista de uma verdadeira autonomia tecnológica.

O problema do Brasil é agravado pelo pequeno interesse nos estudos da língua portuguesa, agravada, ainda, essa circunstância, por elevado e comprometedor índice de analfabetismo que ainda se observa no país. Há, por conseqüência, ao lado da maior facilidade da absorção compulsória do termo estrangeiro, um prestígio do vocábulo estrangeiro. No linguajar carioca, por exemplo, o pesquisador encontrou a corruptela MANFRÉM, de “my friend” que a língua do povo não sabe expressar até porque desconhece a forma escrita da expressão. Na área das telecomunicações o fenômeno de absorção é generalizado. Qualquer pequeno funcionário repete compulsoriamente as palavras que ouve dos técnicos de maior porte. É possível — só para exemplificar com uma palavra corriqueira — que todos os técnicos conheçam a palavra CILINDRO, mas nenhum deles a prefere à palavra inglesa DRUM, com que denominam todos os cilindros de uma máquina qualquer. Do uso da palavra DRUM ao seu tratamento inclusive afetivo (drunzinho, p. ex.), é um passo muito rápido.

Afinal, a nomenclatura técnica restaura o prestígio da corrente estrangeira. E de tal modo, isso se observa hoje, que é já grande o número de palavras e expressões não traduzíveis, entre as quais as seguintes:

SWEeper — gerador de varredura ("Suipe").

WAVE FORM MONITOR — monitor de forma de onda.

SCOPE — osciloscópio.

DISPLAY — mostrador.

TUNEER — sintonizador.

TWEETER — alto-falante de altas frequências.

SOFT TOUCH — chave de comutação por contato.

PUSH BOTTON — chave de comutação por pressão.

PLAYER — vídeo-tape para reprodução.

VÍDEO TAPE (vt) reproduzidor/gravador de fitas de áudio e vídeo.

TAPE DECK ("deck") reproduzidor/gravador de fitas de áudio.

SWEETCHER ("suite") opção de chave de contação.

VECTOR ESCOPE ("vector") osciloscópio vetorial.

TRACKING — pista de gravação.

POWER ON — liga.

POWER OF — desliga.

BOOSTER — ("buste") — unidade amplificadora.

Na verdade, a língua é muito menos o vocábulo e muito mais a estrutura sintática. Fica facilitado o uso do vocabulário técnico ou especializado. Então, a adoção de um vocabulário básico harmônico é elemento capaz de integrar áreas, ou, insistindo, facilitar um processo de integração.

Não existe necessariamente uma imposição formal do termo. Há uma adoção compulsória de quem recebe. Mais uma vez, no caso específico da língua portuguesa, há um prejuízo representado pela lentidão das edições nacionais de livros técnicos. Em geral, quando surge a tradução portuguesa, a terminologia já está consagrada ou o assunto já está ultrapassado. Então, na própria tradução, já se consagra o termo estrangeiro.

5. Conclusão

A influência do inglês na sociedade brasileira, como de resto em todo o mundo, é o produto de um acentuado mimetismo que se desenvolveu em razão de uma sociedade de consumo dominada pelo poder do dólar.

Recentes reportagens em revistas de circulação nacional mostram que o Brasil aprende inglês não apenas por moda, mas por necessidade. Técnicos, cientistas, alunos, professores, executivos e até ministros de

Estado buscam conhecer a estrutura e o vocabulário da Língua de Shakespeare tão distanciada e diferente da Língua de Camões. Propõem-se a adotá-la como segunda Língua, facilitando a comunicação com outros povos e adquirindo informações que muitas vezes dentro de nossas fronteiras, circulam em inglês⁹.

E se a consideramos como segunda Língua, muitas vezes ela é até a primeira e única; na bibliografia referente a ciência, a técnicas, a economia; nos entendimentos financeiros com os bancos internacionais, com o FMI (que intervém em nossa soberania), nos corredores do palácio presidencial, nos salões do ministério, na negociação de nossa enorme dívida externa.

Necessário se faz definir os limites de interferência estrangeira sobre a Língua nacional e até buscar adotar medidas que limitem esta influência.

Da mesma forma que se procurou fazer com a reserva de mercado em informática, uma política de proteção à Língua deveria ser adotada.

Porém a negligência no plano oficial em relação à ciência da terminologia pode ser observada no recente documento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq.

Embora sejam feitas referências à ação planejada em 6 áreas de ciências compreendendo 66 disciplinas, nenhuma menção é feita à terminologia um aspecto crucial de ciência e tecnologia¹⁰.

Não se pode viver a experiência humana através de formulações alheias.

A hegemonia econômica, política e militar dos países ricos agrava a situação dos povos periféricos que se conservam defasados em relação ao progresso e à faixa de atuação dos protagonistas históricos maiores. E a estes povos impõe-se inapelavelmente, queimando etapas, adaptar-se aos padrões e modelos do mundo atual com freqüente descompasso entre o nível técnico exigido e a sua cultura e vivência.

A absorção das novas formas importadas e padronizadas vai liquidando velhos traços nacionais, antes conservados como tradição e agora eliminados como inúteis.

Se vida e Língua, cultura e Língua são uma só coisa, acompanhar uma, é necessariamente compreender a outra.

Da importância dada ao problema da terminologia e da adequação de suas soluções depende o futuro das Línguas dos países importadores do 3º mundo, sua permanência, independência e criatividade.

A Língua portuguesa, meio de expressão de 120 milhões de brasileiros, deverá saber se adaptar tanto às transformações do mundo e aos

avanços da ciência e da tecnologia, quanto às evoluções desta enorme comunidade lingüística.

“Morada do ser” conforme expressão de Albert Tévoédjré, a língua nacional é um dado fundamental e base de toda política de construção de um país. Se é verdade que a terminologia estrangeira dá acesso ao desenvolvimento do saber técnico-científico, ela pode entregar aos outros a “chave dos tesouros do nosso espírito”.¹¹

REFERÊNCIAS

- (1) Revista Brasileira de Tecnologia. 1984. RTB. Volume 14. set./dez., Brasília, p. 12.
- (2) FREIRE, P. 1984. A máquina está a serviço de quem ? in Revista Bits. Ano 1. nº 7. S. Paulo, p. 36.
- (3) GUILBERT, L. 1981. Terminologie et Linguistique in Textes Choisis en Terminologie. GIRSTERM, Quebec, p. 231.
- (4) Idem, *ibid.*, p. 233.
- (5) RONDEAU, G. 1981. Introduction à la Terminologie. Montréal Centre Educatif et Culturel, p. 7.
- (6) Idem, *ibid.*, p. 6.
- (7) DRESKO, Philippe. 1979. Le hors lexique et la compétence lexicale. In: Neologie et Lexicologie. Paris. Larousse. p. 92.
- (8) BIDERMAN, M. T. C. 1978. Teoria lingüística: Lingüística Quantitativa e Computacional. Rio de Janeiro. Ao Livro Técnico. p. 163.
- (9) CARVALHO, N. 1984. O que é neologismo. Coleção Primeiros Passos. S. Paulo. Brasiliense. p. 57.
- (10) CONSELHO Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq. 1984. Desenvolvimento Científico e Formação de Recursos Humanos (Ação Programada em Ciência e Tecnologia) nº 26. SEPLAN-CNPq. Brasília.
- (11) TÉVOÉDJRÉ, Albert. 1979. La pauvreté, richesse des peuples. Paris. Les éditions ouvrières. p. 46.